

Análise de Raízes do Brasil

Uma visão sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda

*Ana Luiza Ferreira, Carolina Reis,
Fernanda Mendes, Gisele Nishiyama,
Paula Chaves e Samira Calais
Estudantes de Graduação de Comunicação Social
DAH - Universidade Federal de Viçosa.*

Resumo: Este trabalho foi elaborado como conclusão do curso “Formação Histórica do Brasil” sob a orientação de Ana Maria Dietrich. O presente artigo tem por objetivo fazer algumas considerações a respeito da vida, da obra e do contexto histórico em que viveu o historiador Sérgio Buarque de Holanda. A respeito de suas obras, optamos por analisar o livro *Raízes do Brasil*.

Palavras-chaves: Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, História do Brasil, homem cordial.

Introdução

Sérgio Buarque de Holanda é filho de Christovam Buarque de Holanda e Heloísa Gonçalves Moreira Buarque de Holanda e nasceu a 11 de julho de 1902, em São Paulo, no bairro da Liberdade. O pai, pernambucano, veio jovem para o Rio e principiou o curso de medicina que não achou a terminar. Transferiu-se para São Paulo, a fim de trabalhar no Serviço Sanitário do Estado e foi um dos fundadores da Escola de Farmácia e Odontologia, onde lecionou Botânica. Sua mãe era nascida em Niterói e ficou órfã ainda pequena, sendo então criada pelos padrinhos que residiam em São Paulo, casando em 1901. O casal teve ainda dois outros filhos: Jaime e Cecília.

Sérgio foi casado com Maria Amélia Buarque de Holanda com quem teve sete filhos: Miúcha, Sérgio, Álvaro, Chico, Maria do Carmo, Ana Maria, Maria Cristina. Destes filhos, dois são conhecidos pelos brasileiros pelo seu talento musical: Miúcha e Chico.

Sérgio Buarque de Holanda, ao lado de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, é considerado como um dos principais ideólogos e pensadores do Brasil. Sérgio desenvolveu teorias que mudaram a forma de pensar o Brasil. Escreveu diversos livros e estudos, além de ter prefaciado vários livros e



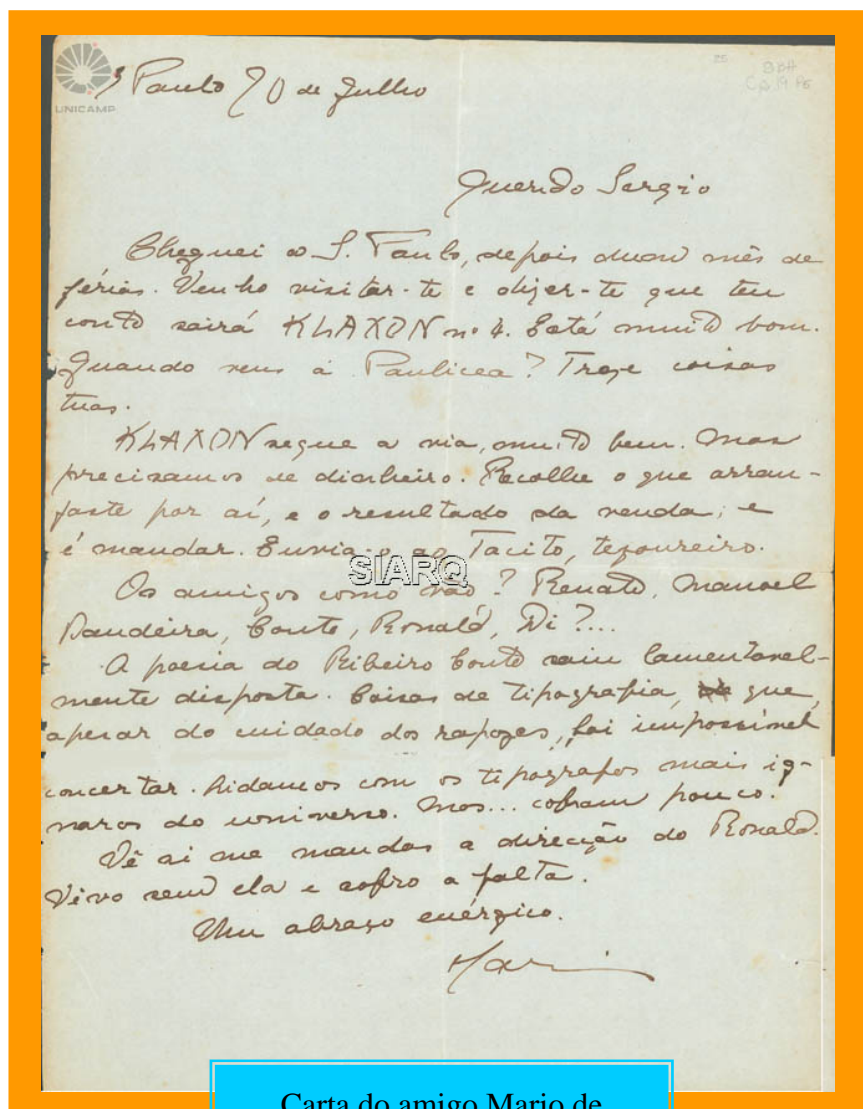
ter colaborado em muitos outros também. Exerceu várias funções acadêmicas e ministrou diversas palestras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Vida

A primeira escola foi o Jardim de Infância do Colégio Progresso Brasileiro, em São Paulo, uma escola americana dirigida por Mrs. Bagby. Os estudos primários foram feitos na Escola Modelo Caetano de Campos, na Praça da República. Professores e alunos dessa fase não deixaram grandes marcas, mas lembra-se, por exemplo, do colega Estevam de Almeida Prado.

A maior parte do ginásio foi cursada no São Bento, além de um semestre no Arquidiocesano na Luz. Para os últimos preparatórios, estudou em cursos especializados e com professores particulares. No São Bento, o clima era de camaradagem, de disciplina maleável. Sua matéria preferida era História, mas ainda gostava de Português, Latim e Alemão.

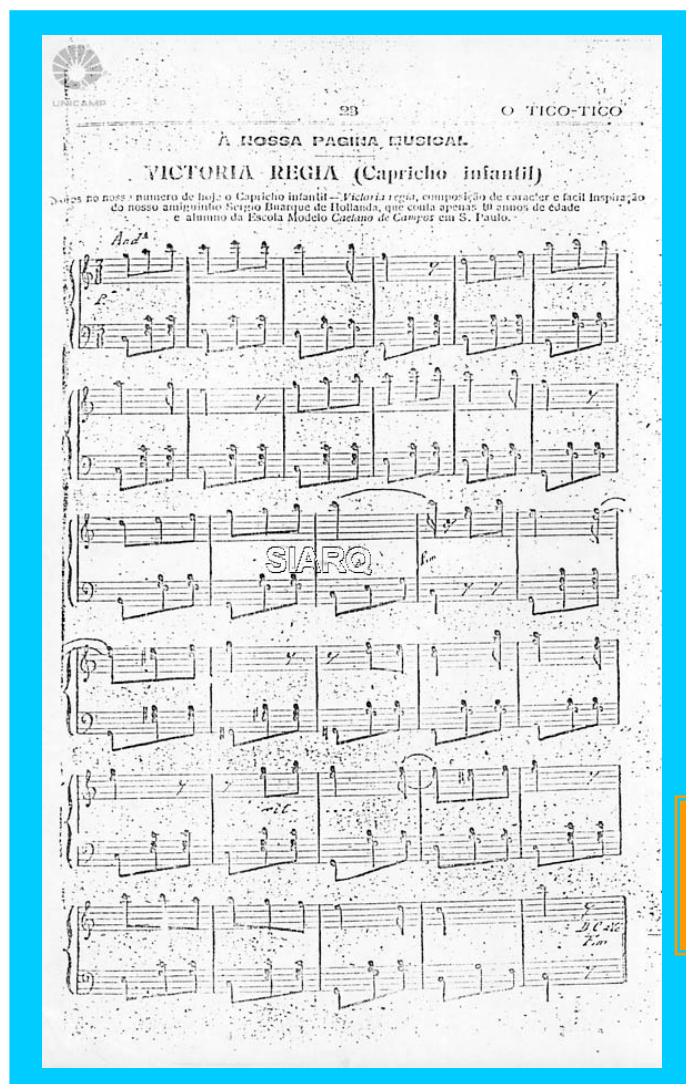
Na juventude aprendeu a dançar, como era moda, no curso de Yvone Daumérie. Dançava no Paulistano, no Trianon, nas campinadas, maratonas de dança que varavam a noite, em dois clubes de Campinas ainda no Tempo das Andorinhas. Das matinês dançantes no Paulistano, perdurou a lembrança de uma ruidosa celebração.



Carta do amigo Mario de Andrade a Sérgio Buarque.

Nos últimos tempos de São Paulo, principiou a conviver com gente interessada nos mesmos assuntos culturais, principalmente literatura. Gente que permaneceu amiga e companheira pela vida afora como o começo de amizade com Mário de Andrade e Oswald, que seriam ativos no movimento modernista, do qual Sérgio só se desligaria da ala radical em 1926. Encontrava Menotti del Picchia na redação do *Correio Paulistano*, onde ia entregar colaboração. Conheceu Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*. A primeira produção de Sérgio foi musical: uma valsa, a "Vitória Régia", aos 9 anos, publicada pelo Tico-Tico.

Seu primeiro artigo saiu no *Correio Paulistano*, por interferência de Afonso de Taunay, antigo professor e amigo de seu pai, que leu o estudo. Sérgio tinha, nessa ocasião, seus 18 anos. Essa publicação e o convívio com o Guilherme o animaram a escrever com certa assiduidade: no *Correio Paulistano*, na *Cigarra*, na *Revista do Brasil*. Um dia, na Casa Freyre, foi apresentado a



Partitura da sua primeira valsa, Vitória Régia.

Gustavo Barroso que lhe sugeriu redigir uma notícia sobre os "futuristas" de São Paulo, para sair na *Fon-Fon*. Era seu primeiro passo literário no Rio.

Em 1921, a família Buarque de Holanda transferiu-se definitivamente para o Rio. Nesse mesmo ano, matriculou-se na Faculdade de Direito da Rua do Catete. Sérgio jamais foi um



Primeiro Artigo publicado,
Originalidade Literária.

estudante assíduo nem interessado. Em compensação, foi na faculdade que nasceu grande amizade com Prudente de Moraes Neto. Nos últimos tempos de São Paulo, principiou a conviver com gente interessada nos mesmos assuntos culturais, principalmente literatura, assim como era com a amizade com Mário de Andrade e Oswald. O grupo freqüentava a Confeitaria Fazzolli. Às vezes, o Pinoni ou a Vienense.

Nos primeiros anos de Rio, Sérgio foi apresentado a Manuel Bandeira. Ligaram-se logo e Sérgio escreveu sobre ele na *Fon-Fon*. Junto a Prudente, Manuel também seria um grande amigo. A convivência com os amigos paulistas persistiu assídua, por algum tempo.

Era tempo do Brasil governado por Artur Bernardes. Falava-se de política, de arte moderna. E de Literatura. A fonte literária filosófica era mais francesa. Entre os autores lidos, havia Proust, o surrealista Breton, Dostoiévsky e Tolstoi. Autores alemães serviam mais para estudo.

Formou-se em Direito em 1925, mas não chegaria a exercer a profissão. Ao lado da boêmia, havia o ganha-pão. No caso, o jornalismo. Logo à chegada do Rio, Sérgio entrou para o Rio-Jornal, levado pelo colega da faculdade, José Maria Lopes Cansado. Lá, redigia crônicas, fazia entrevistas. No *O Jornal*, em fase de Renato Lopes, saíram dois artigos seus.

Mais tarde, Sérgio passou para a agência de notícias *United Press*. Tornou-se, então, amigo de Múcio Leão e Austregésilo de Ataíde. Este último amigo íntimo de Assis Chateaubriand. Ao mesmo tempo, colaborava no *O Jornal* dirigido por Chateaubriand. Nessa época é que travou relações de amizade e interesse cultural com Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde da crítica literária. Sempre a serviço do *O Jornal* esteve em Minas e daí nasceu à amizade com Carlos Drummond de Andrade.



Apesar de se formar em Direito,
Sérgio não o exerceria.

Em 1926, rompeu com os modernistas mais radicais, com os quais inicialmente se ligara, manifestando-se contra o excesso de intencionalidade construtiva de intelectuais, que se dispunham a inventar um novo Brasil, como Mário e Oswald de Andrade. Para Sérgio, estes negavam a história brasileira e queriam reinventá-la, mas para Sérgio, uma cultura nacional não surgia por mera vontade ideológica.

Em 1927, distribuiu os livros entre os amigos e aceitou a proposta para dirigir o jornal *O Progresso* em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo. Lá, era o escreve-tudo, suprindo-se ainda com notícias e clichês de *A Noite*, do Rio.

Voltando do Espírito Santo, Sérgio retomou o trabalho na *United* e no *Jornal do Brasil* (ou *O Jornal*), assinando reportagens, entrevistas (às vezes fora do Rio), e uma crônica diária, *O Dia dos Senadores*. No Rio, recomeçou a comprar livros. Foi o princípio de sua biblioteca. Retomou logo os convívios interrompidos pela temporada capixaba. Foi por esse tempo que conheceu Gilberto Freyre. Gilberto ia e vinha não costumava demorar-se no Rio porque era chefe de gabinete do Estácio Coimbra, em Pernambuco.



Recibo referente aos direitos autorais da 1ª edição de *Raízes do Brasil*.

Em 1929, Chateaubriand propôs a Sérgio uma viagem à Alemanha, Polônia e Rússia, enviando reportagens para *O Jornal*. Embarcou em junho, desembarcando em Hamburgo, rumou para Berlim com pouco dinheiro. Sérgio não conseguiu regularizar os papéis em tempo de alcançar a Rússia, mas em setembro foi até à Polônia. Com passe de trem gratuito, percorreu quase todo o país.

Regressando a Berlim, a Embaixada o indicou para trabalhar na Revista *Duco*, redigida em alemão e português e especializada nas relações comerciais teuto-brasileiras. Depois, recomendado pelo consulado, traduziu scripts de vários filmes.

Em 1932, Sérgio estava no Rio na turma dos boatos e da torcida revolucionária. Acabou preso, soltando vivas a São Paulo. Em 1935, Sérgio publicou na revista *Espelho*, um longo estudo: *Corpo e Alma do Brasil*. Era o anúncio de seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, editado ano e meio mais tarde.

Raízes do Brasil

Raízes do Brasil, sua principal obra, foi publicada em 1936, e causou grande impacto. Apenas três anos antes, Gilberto Freyre havia revolucionado a historiografia brasileira ao lançar *Casa Grande e Senzala*. A obra de Sérgio divergia muito tanto da historiografia que vinha sendo feita quanto da obra de Freyre. Neste livro, discute o choque entre a tradição e modernidade na sociedade brasileira. Para tal, ele busca nas raízes desta sociedade uma explicação para o atraso social existente no país, produzindo, ao mesmo tempo, hipóteses para uma possível superação deste retrocesso.

Segundo ele, a formação do Brasil contemporâneo está diretamente ligada às origens da sociedade brasileira, ou seja, está atrelada à colonização e ao seu legado cultural, político e institucional. Assim, o tradicionalismo da política brasileira vem de seu passado ibérico, ou seja, de suas raízes.

Sérgio Buarque percebe que a modernização é impedida pela herança de uma tradição ibérica e que a absorção das instituições portuguesas, dotadas de uma historicidade própria, traz consigo uma incompatibilidade com o ideal de desenvolvimento democrático e modernizado, evidenciando uma incapacidade de mudança adaptativa as necessidades existentes. É através desta compreensão que ele formula alguns conceitos fundamentais de sua obra.



O primeiro conceito que ele usa para explicar a sociedade através de suas origens é a *cultura da personalidade*. Para ele, a cultura da personalidade é a frouxidão de laços sociais que implicam em formas de organização solidária e ordenada. É uma cultura que atribui valor ao indivíduo autônomo e não à organização espontânea, formada pela coesão social. Por sua vez, este predicado está intimamente ligado à outra herança ibérica, que é a repulsa ao trabalho. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

A carência dessa moral do *trabalho* se ajusta bem a uma reduzida capacidade de organização social. Efetivamente o esforço humilde, anônimo e desinteressado é agente poderoso da solidariedade dos interesses e, como tal, estimula a organização racional dos homens e sustenta a coesão entre eles (BUARQUE, Sérgio, 2000).

Sérgio aborda que as relações em Portugal não advêm do mérito, mas sim do privilégio, do status.

A segunda característica fundamental ao entendimento da sociedade contemporânea através de suas raízes é a *ética da aventura*. É através desta análise que Holanda explica como ocorreu a exploração das terras portuguesas no novo mundo. Também é através deste princípio que ele exhibe a figura do aventureiro e do trabalhador – par ideal de conceitos antagônicos formulado pelo autor através de concepções weberianas.

Para este estudioso, a colonização do Brasil foi promovida pelo espírito do português aventureiro, que exhibe a mobilidade e a adaptabilidade, que nega a estabilidade e o planejamento, que corrobora com a cultura do ócio e se distingue do tipo trabalhador, e de sua ética do trabalho, que preza pelo “esforço sem perspectiva de rápido proveito material” (BUARQUE, Sérgio, 2000). Ao comparar as cidades portuguesas com as espanholas, define que o espanhol é um ladrilhador, que constrói suas cidades de forma a racionalizar o espaço. Ao contrário, o português é apenas um semeador, que sai semeando cidades irregulares que se confundem com a paisagem.

Também é através dessa negação do trabalho, somada a falta de planejamento, a uma demanda de mercado e, a pequena população do reino, que aparece um dos principais elementos da colonização portuguesa no Brasil, a escravidão do africano.

Seguindo a análise feita por Sérgio Buarque de Holanda, encontra-se o terceiro conceito por ele formulado, o *ruralismo*. É nesta característica que aparece outro grande componente da sociedade brasileira, a família patriarcal. Ele ainda ressalva que mesmo os intelectuais advêm do ruralismo, pois estes são os filhos dos fazendeiros e que se “deram ao luxo” de ter idéias diferentes



dos pais. É necessário lembrar que essas idéias novas dos intelectuais também remetem ao personalismo, pois não são cultuadas para colocá-las em prática, mas apenas para a exibição do conhecimento como status.

É a partir desta outra herança ibérica que este estudioso propõe a quarta consideração sobre o tradicionalismo brasileiro, o *homem cordial*. Por sua vez, este é o símbolo da relação social sem formalidade, que leva para a vida pública a vida privada, ao propor acesso à existência política através de relações sociais de proximidade e afetividade. O homem cordial não se dá com a relação fria do Estado, e por isso essa instituição é tão fraca entre os ibéricos. Além disso, essa cordialidade não pressupõe bondade, mas apenas identifica que o homem cordial não se guia pela racionalidade, e sim pelas suas emoções. Assim, essa emotividade pode ser boa ou má, apenas não será guiada pela razão.

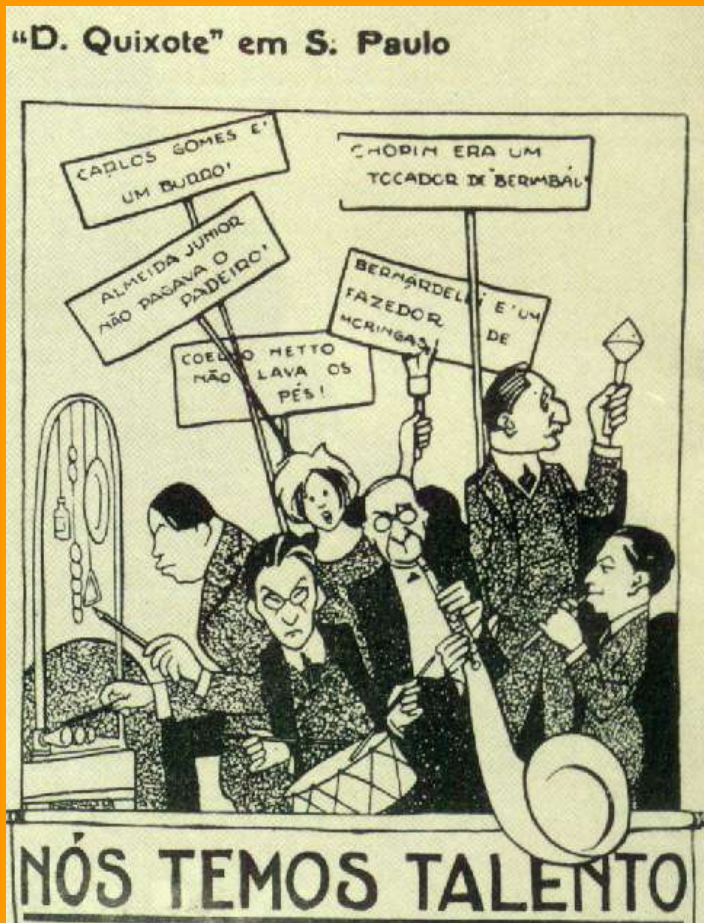
Assim, é através da busca das raízes da sociedade brasileira, que Sérgio Buarque de Holanda exhibe a origem do tradicionalismo, ou seja, do conservadorismo que impede a modernização do Brasil através da constituição de um Estado Liberal. É através destas origens sociais, que ele insere sua argumentação crítica e propõe uma revolução pautada pela reforma política, pela busca da meritocracia, da impessoalidade na vida pública, pelo planejamento, pelo resultado em longo prazo, ou seja, pela criação de algo que atenda as necessidades modernizadoras da nação.

Ao reler a gênese da sociedade brasileira, Sérgio Buarque de Holanda lança mão de referências teóricas desenvolvidas pela sociologia alemã. Como já foi citado anteriormente, este estudioso se inspira na obra de Max Weber, principalmente, quando Sérgio propõe um estado liberal à nação brasileira e expõe um par ideal de conceitos opostos, simbolizados pela figura do aventureiro e do trabalhador. Para ele a modernidade está inserida na cultura urbana, letrada, baseada no trabalho e no capitalismo.



Contexto Histórico

Sérgio Buarque de Holanda sempre se relacionou com amigos modernistas. A Semana de Arte Moderna, que aconteceu no Teatro Municipal, em São Paulo, nos dias 13 a 17 de fevereiro do ano de 1922, e tinha como principal objetivo “reinventar a arte no Brasil”. Nesse contexto, arte,



Cartazes da Semana de Arte Moderna. O primeiro satiriza artigos consagrados e o segundo feito por Di Cavalcante.



literatura, pintura, tudo isso, ganharia uma nova visão, sem medo de parecer inferior. Aspectos pós-impresionistas, como as influências do cubismo e do expressionismo, eram presentes nas artes. Guilherme e Tácito de Almeida, Oswald e Mário de Andrade, Menotti del Pecchia e Di Cavalcanti

eram apenas alguns de seus relacionamentos de amizade. Movido por essa influência, as revistas Klaxon e Estética são duas das criações modernistas de Sérgio Buarque.

A publicação *Raízes do Brasil* tem fortes traços modernistas. A idéia de falar que o Brasil não é mais um país rural e estava indo para as cidades é nova. Além também dos conceitos utilizados, da forma de conduzir o livro. Sérgio rompe com a idéia de que o país era destinado a ser agrário e não só identifica uma mudança acontecendo, como ainda dá sugestões sobre essa revolução.

Porém, essa parceria com o modernismo radical não durou tanto. Foi no ano em que se mudou para a cidade de Cachoeiro de Itapemerim que ele teve a plena convicção de que ele não era tão radical e a arte no Brasil já tinha suas raízes. Além disso, teve também a certeza de que o direito não deveria ser a profissão a ser seguida por ele. Nesta cidade, chegou a trabalhar como promotor, substituindo um da cidade. Não deu muito certo, porque absolveu dois assassinos.

Além da Semana de Arte Moderna, Sérgio Buarque tem relação com a revolução de 30 e a revolução de 32. Revolução de 1930 ou Revolução de 30 são os nomes dados ao movimento armado liderado pelos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul que culminou com a deposição do presidente paulista Washington Luís em 24 de outubro. Em 1929 lideranças do estado de São Paulo romperam a aliança com os mineiros representada pela política do café-com-leite, e indicaram o paulista Júlio Prestes como candidato à presidência da República. Em reação, o presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada apoiou a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas. Em 1º de março de 1930 houve eleições para presidente da República que deram a vitória ao candidato governista Júlio Prestes, que não tomou posse em virtude do golpe de estado desencadeado a 3 de outubro de 1930, e foi exilado. Getúlio Vargas assumiu a chefia do "governo provisório" em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha.

Já a Revolução de 32 ou Revolução Constitucionalista, foi um movimento armado que teve duração de três meses e que tentou reunir forças de vários estados brasileiros para impedir a continuação do governo provisório de Getúlio Vargas, exigindo eleições presidenciais, uma nova constituição e o retorno imediato do país ao estado de direito. A revolta explodiu em julho e as tropas rebeldes se espalharam pela cidade de São Paulo e ocuparam as ruas. A imprensa paulista defendia a causa dos revoltosos. O resultado foi uma intensa campanha de mobilização acionada. Praticamente toda a população aderiu à rebelião. Um grande número de pessoas se alistou para a luta. E quando se iniciou o levante, uma multidão saiu às ruas em seu apoio. Tropas paulistas foram enviadas para os fronts em todo o Estado. Mas as tropas federais foram mais numerosas e mais bem



equipadas. Aviões foram usados para bombardear cidades do interior paulista. Os revoltosos esperavam a adesão de outros estados, o que não aconteceu. Quatro estudantes morreram: Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo. As iniciais de seus nomes formam a sigla MMDC, que se transformou no grande símbolo da revolução. Em outubro de 32, após três meses de luta, os paulistas se renderam. Prisões, cassações e deportações se seguiram à capitulação. Estatísticas oficiais apontaram 830 mortos. Estima-se que centenas a mais de pessoas morreram sem constar dos registros oficiais.

Um dos presos nessa época foi Sérgio Buarque de Holanda. Por aderir as idéias revolucionárias e apoiar os rebeldes e se manifestar a favor deles. Uma frase de Antônio Cândido fala um pouco da relação de Sérgio com essas revoluções, principalmente a de 30: “Sérgio surgiu na nossa cena intelectual após a Revolução de 30, procurando dar uma resposta teórica às mudanças sofridas pelo país sob o impacto econômico da industrialização e sob o impacto cultural do modernismo, interpretou o processo de formação do Brasil para acharmos a nossa identidade nacional”.

Sérgio Buarque também esteve envolvido historicamente, dentre outros acontecimentos, pela época de transição das riquezas e decadência do café, que foi um produto que impulsionou a economia brasileira desde o início do século XIX até a década de 1930.

Concentrado a princípio no Vale do Paraíba (entre Rio de Janeiro e São Paulo) e depois nas zonas de terra roxa do interior de São Paulo e do Paraná, o grão foi o principal produto de exportação do país durante quase 100 anos. Foi introduzido por Francisco de Melo Palheta ainda no século XVIII, a partir de sementes contrabandeadas da Guiana Francesa.

As políticas governamentais de valorização do café, conforme instituídas do Convênio de Taubaté em 1906, consistiam basicamente na compra, por parte do governo federal, dos estoques excedentes da produção de café, por meio de empréstimos externos financiados por tributos cobrados sobre a própria exportação de café.

No curto prazo, tal política ajudou a sustentar os preços internacionais do produto, sustentando a renda dos exportadores. Porém, a médio e longo prazo, essa política deu uma posição de favorecimento do café sobre os demais produtos brasileiros de exportação.

A crise internacional de 1929 exerceu um duplo efeito na economia brasileira: ao mesmo tempo em que reduziu a demanda internacional pelo café brasileiro, pressionando seus preços para baixo, impossibilitou ao governo brasileiro tomar empréstimos externos para absorver os estoques excedentes de café, devido ao colapso do mercado financeiro internacional.



Todavia, o governo não podia deixar os produtores de café a sua própria sorte e vulneráveis aos efeitos da grande crise; o custo político de uma atitude como essa seria impensável para um governo que ainda estava se consolidando no poder, como era o caso de Getúlio Vargas no início da década de 30.

Por isso, a partir desse período, o Estado brasileiro passou a desempenhar um papel ativo na economia nacional. Dessa forma, as cidades ganharam autonomia em relação ao mundo rural. O café traz mudanças na tradição, com legitimação da cidade.

Tanto é que Sérgio observa em seu livro *Raízes do Brasil* que “a terra de lavoura deixa então de ser o seu pequeno mundo para se tornar unicamente seu meio de vida, sua fonte de renda e riqueza”.(BUARQUE, Sergio, 2000)

Segundo Sérgio, o Brasil é um país pacífico, brando e se julgam os brasileiros serem bons à obediência dos regulamentos, dos preceitos abstratos. É necessário, diz ele, que se faça uma espécie de revolução para dar fim aos resquícios da história colonial e começar a traçar uma nova história do Brasil, diferente e particular.

O período em que Sérgio Buarque morou em Berlim foi fundamental para o seu desenvolvimento histórico. Ao ser questionado por Richard Graham em qual contexto histórico se tornou historiador, ele respondeu:

Para a revista bilíngüe [Duco] eu escrevi artigos tentando explicar o Brasil para os alemães. Só quando você está longe é que se consegue ver seu próprio país como um todo. Você o encara sob uma perspectiva diferente. E o Brasil não é fácil de se entender, é difícil (Graham 1982: 5).

Esta é uma constatação importante. O escritor afirmara, então, que se tornara um historiador significa aprender a ver seu objeto “de longe, como um todo”, e assim passar a encará-lo “sob uma perspectiva diferente”. A maneira com que Sérgio Buarque tratava seus objetos incorporava um olhar atento aos detalhes – tão significativos quanto muitas vezes despercebidos – do tema investigado.

O fato de ter vivido na Alemanha e ter aprendido o idioma alemão lhe proporcionou a chance de ter sido, como Buarque mesmo afirmou, “talvez o primeiro brasileiro a citar Weber numa publicação” (Graham 1982: 5), e de construir uma obra na qual as referências a autores alemães são características marcantes.

De volta ao Brasil, ele ainda tinha muito do impetuoso polemista. Mas sua mente já estava em outras paragens: no projeto *Raízes do Brasil*, um livro que tem uma perspectiva sociológica e



psicológica com um objetivo político, onde o autor tenta, através de nosso passado, ver nosso futuro.

Publicado no Brasil em 1936, é um livro inovador no que diz respeito à busca da identidade nacional, que surge num momento em que a psicologia vinha se desenvolvendo muito e a sociologia começa a perder seu caráter altamente “científico”, Sérgio Buarque vai atrás do que poderíamos chamar de essência do homem brasileiro.

Buarque de Holanda, que vivia numa Europa à beira da guerra, queria entender a personalidade de um Brasil latino e católico, com o pé na vida rural. Recriou a teoria do homem cordial no quinto capítulo da obra, sua maior dor de cabeça intelectual: ao denunciar a docilidade e as relações pessoais paternalistas dos conterrâneos como explicação para a incapacidade de se integrar à modernidade anglo-saxônica rendeu a Sérgio ataque de todos os lados.

Assim, num jogo de idas e vindas na nossa história, deixando claro os momentos que ele mais considera, Sérgio Buarque vai construindo um panorama histórico no qual ele inserirá o “homem cordial”, que nada mais é do que fruto de nossa história, que vem da colonização portuguesa, de uma estrutura política, econômica e social completamente instável de famílias patriarcais e escravagistas.

Conclusão

Raízes do Brasil é um ensaio de grande valor não apenas científico, mas literário, que vai buscar as origens do Brasil em Portugal e no latifúndio escravocrata ou na família patriarcal rural. Usa de um método dialético para exprimir com riqueza as contradições do objeto que está analisando. Sérgio Buarque reconhece, com menos ênfase que em obras de outros autores, como seu contemporâneo Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, o caráter mestiço da formação social brasileira, produto de ampla miscigenação com o índio e o negro. Ele faz a crítica da colonização portuguesa e da sua natureza aventureira e patriarcal. Em *Raízes do Brasil* temos a sugestão de três elites – a patriarcal rural, a patrimonialista urbana que se constitui já no Império e a burguesa paulista de base cafeeira. O autor sugere que o Brasil está passando por “uma grande revolução” desde meados do Século XIX, que tem na elite cafeeira e em setores urbanos mais amplos da sociedade sua base. Sérgio Buarque salienta as limitações da elite dirigente rural e substitui a harmonia pelo “homem cordial”.



Referência Bibliográfica

CANDIDO, Antônio. In: **Intérpretes do Brasil, Volume III**. Rio de Janeiro, Aguilar, 2000, v. 3.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. **Apontamentos para a cronologia de Sérgio**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia.html>. Acesso em 27 de abril de 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. **Raízes do Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Historia geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico: reações e transações. 2. ed. São Paulo: DIFUSAO EUROPEIA DO LIVRO, 19

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole e outros estudos. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2005, 168p.

A psicologia do povo brasileiro- entrevista com Eliane Fleck. **Amai-vos**. Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/amaivos07/noticia/noticia.asp?cod_noticia=7866&cod_canal=41. Acesso em 27 de abril de 2008.

